

7113, 12 Julho 80

Bairro Monte Belo: uma comunidade vive na lama

1119275

Distante cinco minutos do centro de Vitória, o bairro Monte Belo ainda conserva os resquícios do tempo que era mangue. Algumas casas permanecem fincadas na lama, enquanto na avenida Hermes Curry Carneiro os sobrados têm a infra-estrutura necessária a um nível de vida condizente com a dignidade humana. Um retrato desse bairro é feito abaixo, mostrando seus personagens e ritmo de vida.



Mato e buracos na Gastão Vila

Se o Papa João Paulo II visitasse o bairro Monte Belo, em Vitória, teria oportunidade de presenciar em apenas cinco quilômetros quadrados a convivência da miséria com o remediado conforto da classe média. É que enquanto na avenida Hermes Curry Carneiro os sobrados são erguidos tendo a infra-estrutura necessária, os casebres de madeira despontam-se sobre as águas pútridas do mangue.

Na Hermes Curry Carneiro, desde seu entroncamento com a Alberto Torres, na Ilha de Santa Maria, estão as lojas de Acessórios para automóveis, mercadinhos, alfaiataria, bares, fábricas de aparelhos ortopédicos e um grande depósito de cereais e máquinas. E é onde se destacam as casas de arquitetura duvidosa, os sobrados pintados de branco, o Centro Comunitário e o Departamento de Patrimônio do Rio Branco Atlético Clube.

É nela que circulam seus moradores e transitam os automóveis. A Hermes Curry Carneiro é enfim uma avenida que está ganhando vida. Logo estará roubando o movimento das demais avenidas do bairro, menos cuidadas e de difícil tráfego como veremos depois. Mas é justamente na Curry Carneiro que começamos a nos despertar para a clara divisão existente no Monte Belo.

LIXO, MAU CHEIRO E MATO

No cruzamento da Curry Carneiro com a rua James V. Boas pode-se ver a poucos metros as águas escuras do mangue e algumas palafitas sobre ele. O mato que cobre alguns terrenos baldios sem cerca predomina nos dois lados da rua. Mais à frente na avenida Carlos M. Lima, a Prefeitura executa as obras da rede de esgoto. Não há ainda certeza de que ela se estenderá até a avenida Beira Mar, cruzando mais de três quilômetros de mangue e barracos que tornam a Carlos M. Lima uma espécie de avenida circular.

É na Curry Carneiro que ouvimos uma fonte que preferiu não se identificar. Proprietário de um bar, ele diz que o bairro é sossegado e bom para se morar. É um dos muitos que encontraremos, que dirão ter caçado papa-arroz no Monte Belo, quando este era apenas um vasto mangue com as margens cheias de mato. E isso não é de muito tempo. O bairro completou há pouco bodas de prata.

Esta é a mesma história que será contada por quantos forem entrevistados. Haverá sempre o mangue, o mato e papa-arroz em suas recordações. É o caso de Mauro Rogério, de 21 anos, nascido no Monte Belo. "Isso aqui era água pura. Quem quizesse andar, invés de andar, tinha de nadar". E aí ficam as recordações. De fato a história mais bonita é a do povoamento do bairro.

TABOAS COMO PONTE

RETRATO DO MIGRANTE

Num desses barracos, senão na maioria, está o retrato da migração capixaba. Justamente a responsável da ocupação lenta a partir de 1960 e acelerada desde os anos 70. Os migrantes foram chegando e sem condições de pagar aluguel foram aterrando o mangue, conseguindo desse modo a sonhada moradia própria. Este é o processo de ocupação da maioria dos bairros periféricos de Vitória, principalmente os existentes à beira mar. Caso, por exemplo, do bairro São Pedro.

Hoje é raro no Monte Belo, apesar de existirem espaços vazios no mangue, os migrantes conseguirem sua casa própria, mesmo que seja um barraco. Maria Nilza, mãe de três filhos, chegou ao bairro há dois anos, vinda de Nanuque, onde seu marido não conseguia emprego na construção civil. Mora num barraco de dois cômodos sem assoalho, nem cimento, de paredes tortas e compartimentos pequenos, que mal dão para ela acomodar seus pertences. E paga de aluguel Cr\$ 1.500,00.

NO ALTO, O ASILO

Subindo por uma escada de concreto, quase no fim da Gastão Vila, chega-se ao outro lado do bairro Monte Belo. É do alto da rua Anselmo Serrat, que avista-se a Praia do Caño, o bairro Jucutuquara e todo o Monte Belo mesmo. Nesta rua existem apenas dois ocupantes; a Faesa e a Sociedade de Assistência à Velhice Desamparada. E para a curiosidade de muita gente, descoberta até, é junto ao asilo que localiza-se o único Orelhão do bairro.

O Asilo é certamente o primeiro núcleo habitacional do bairro Monte Belo. Ele foi fundado em 1942, pelo então governador coronel João Puñaro Bley. E desde então, está sob a orientação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paula. Sua sobrevivência até hoje deve-se exclusivamente à população, pois os governos Estadual e Federal que a subvencionam ou o fazem com uma quantia de 20 mil cruzeiros como o faz o Ministério da Educação e Cultura, ou deixam de fazê-lo desde 1978, como acontece com a administração estadual.

São os particulares — povo em geral, restaurantes, padarias e casas comerciais — quem garantem a continuidade de um trabalho iniciado em plena Segunda Guerra Mundial e que perdura até hoje. Como explica a irmã Noemy dos Santos, superintendente do asilo, muitas vezes quando falta pão, surge alguém com um saco cheio dele. "Ou é a pessoa que advinha ou é Deus quem inspira para nunca faltar pão" — salienta.

OS VELHOS E A VIDA

Os velhinhos que já tiveram seu tempo de vida árdua e briga pelo futuro vivem relembando o passado. Ficam nas extensas varandas do asilo sentados, pensativos e às vezes sorridentes. E o que é estranho para a

dos velhos são provenientes das classes pobres não é das melhores. Ele confessou ao repórter que merece um futuro melhor, pois trabalhou muito para o Estado.

GOVERNOS RUINS

Quando a conversa envereda para outros assuntos que não a sua vida de carioca de Quino, Município de Valência, Rio de Janeiro, onde nasceu, em 31 de julho de 1893, ele desanca as administrações brasileiras por não terem melhorado a situação do povo brasileiro. "Isso é resultado da má administração, o Brasil nunca teve uma administração à altura de sua importância e riqueza".

Sua crítica assume maior relevância, quando percebemos que por trás de seus 87 anos existe uma experiência vastíssima de quem nasceu com a República Velha, viu a Revolução de 32, que quando aconteceu ele estava construindo uma ponte, a Segunda Guerra Mundial, quando serviu no Exército e esteve destacado na Amazônia, o Estado Novo, iniciado em 1937, o fim do governo Getúlio, em 1945, e por último a revolução de 64.

— Vovô, o senhor disse que o Brasil nunca teve uma boa administração, depois de ter visto o que o senhor viu, o senhor acredita em democracia, indagou o repórter.

— Acho que democracia só resolve se for feita por democratas, e não por quem quer sê-lo, respondeu.

ALEGRIA CARA

Muitas surpresas surgiram durante a entrevista com Manoel Magalhães, engenheiro do Estado, promotor de Justiça por duas vezes e fiscal de obras estaduais. Ele só descartou de comentar as aulas que ele deu ao pequeno Eurico Rezende. "Ensinei algumas lições para o Eurico Rezende, mas acho que ele nem se lembra disso".

No fim, quase noite, ele, que é um dos 110 velhos abrigados no asilo, ainda comentava seus feitos. Ele parece solitário como os demais idosos. Seus momentos de lazer são nos fins de semana, quando inúmeras pessoas para lá se dirigem para promover festas, montagens de peças, de shows musicais, quadrilhas. Estes momentos de alegrias nos feriados são dados por estranhos, porquanto suas famílias, com raras exceções aparecem.

Eles mesmos contribuem para terem uma assistência melhor dando suas aposentadorias para o sustento de todos. Porém os salários dos aposentados não são suficientes. Lembra a irmã Noemy dos Santos que a verba é pouca e precisam de muita ajuda da população para manter o mesmo padrão de atendimento.

FALTA ESCOLA

Se o Papa João Paulo II visitasse o bairro Monte Belo, em Vitória, teria oportunidade de presenciar em apenas cinco quilômetros quadrados a convivência da miséria com o remediado conforto da classe média. É que enquanto na avenida Hermes Curry Carneiro os sobrados são erguidos tendo a infra-estrutura necessária, os casebres de madeira despontam-se sobre as águas pútridas do mangue.

Na Hermes Curry Carneiro, desde seu entroncamento com a Alberto Torres, na Ilha de Santa Maria, estão as lojas de Acessórios para automóveis, mercadinhos, alfaiataria, bares, fábricas de aparelhos ortopédicos e um grande depósito de cereais e máquinas. E é onde se destacam as casas de arquitetura duvidosa, os sobrados pintados de branco, o Centro Comunitário e o Departamento de Patrimônio do Rio Branco Atlético Clube.

É nela que circulam seus moradores e transitam os automóveis. A Hermes Curry Carneiro é enfim uma avenida que está ganhando vida. Logo estará roubando o movimento das demais avenidas do bairro, menos cuidadas e de difícil tráfego como veremos depois. Mas é justamente na Curry Carneiro que começamos a nos despertar para a clara divisão existente no Monte Belo.

LIXO, MAU CHEIRO E MATO

No cruzamento da Curry Carneiro com a rua James V. Boas pode-se ver a poucos metros as águas escuras do mangue e algumas palafitas sobre ele. O mato que cobre alguns terrenos baldios sem cerca predomina nos dois lados da rua. Mais à frente na avenida Carlos M. Lima, a Prefeitura executa as obras da rede de esgoto. Não há ainda certeza de que ela se estenderá até a avenida Beira Mar, cruzando mais de três quilômetros de mangue e barracos que tornam a Carlos M. Lima uma espécie de avenida circular.

É na Curry Carneiro que ouvimos uma fonte que preferiu não se identificar. Proprietário de um bar, ele diz que o bairro é sossegado e bom para se morar. É um dos muitos que encontraremos, que dirão ter caçado papa-arroz no Monte Belo, quando este era apenas um vasto mangue com as margens cheias de mato. E isso não é de muito tempo. O bairro completou há pouco bodas de prata.

Esta é a mesma história que será contada por quantos forem entrevistados. Haverá sempre mangue, mato e papa-arroz em suas recordações. É o caso de Mauro Rogério, de 21 anos, nascido no Monte Belo. "Isso aqui era água pura. Quem quizesse andar, invés de andar, tinha de nadar". E aí ficam as recordações. De fato a história mais bonita é a do povoamento do bairro.

TABOAS COMO PONTE

Daniel Loyola Barbosa, de 24 anos, casado, conta que há 10 anos seu pai comprou por Cr\$ 700,00 um terreno que hoje com a casa de seis cômodos não venderia por 200 mil. Mas seu barraco pintado de azul, como a maioria dos existentes no Monte Belo, fica na avenida Gastão Vila, distante 200 metros do mar e próximo ao ponto final da linha de ônibus que serve o bairro.

Neste lado estão o aglomerado de barracos de madeira, casas de alvenaria, uma delas meio torta devido aos constantes atêrros. Olhando-os Daniel Loyola recorda que no início dos anos 70 era obrigado a chegar à sua casa equilibrando-se sobre taboas para não cair no mangue. "A gente fazia uma espécie de pinguela" — ilustra.

Este aliás foi o dilema da maioria dos moradores do Monte Belo no espaço que vai da Curry Carneiro até a avenida Beira Mar. Na Gastão Vilado — sempre na mesma extensão — existem muitas residências de alvenaria e alguns sobrados. E também oficinas de consertos de geladeira, empórios, botecos e bares. Porém na altura do número 600, ela começa a ficar intransitável. A lama é espessa. Crianças descalças correm por ela. Os barracos estão sujos por sua massa avermelhada.

RETRATO DO MIGRANTE

Num desses barracos, senão na maioria, está o retrato da migração capixaba. Justamente a responsável da ocupação lenta a partir de 1960 e acelerada desde os anos 70. Os migrantes foram chegando e sem condições de pagar aluguel foram aterrando o mangue, conseguindo desse modo a sonhada moradia própria. Este é o processo de ocupação da maioria dos bairros periféricos de Vitória, principalmente os existentes à beira mar. Caso, por exemplo, do bairro São Pedro.

Hoje é raro no Monte Belo, apesar de existirem espaços vazios no mangue, os migrantes conseguirem sua casa própria, mesmo que seja um barraco. Maria Nilza, mãe de três filhos, chegou ao bairro há dois anos, vinda de Nanuque, onde seu marido não conseguia emprego na construção civil. Mora num barraco de dois cômodos sem assoalho, nem cimento, de paredes tortas e compartimentos pequenos, que mal dão para ela acomodar seus pertences. E paga de aluguel Cr\$ 1.500,00.

NO ALTO, O ASILO

Subindo por uma escada de concreto, quase no fim da Gastão Vila, chega-se ao outro lado do bairro Monte Belo. É do alto da rua Anselmo Serrat, que avista-se a Praia do Carito, o bairro Jucutuquara e todo o Monte Belo mesmo. Nesta rua existem apenas dois ocupantes: a Faesa e a Sociedade de Assistência à Velhice Desamparada. E para a curiosidade de muita gente, descoberta até, é junto ao asilo que localiza-se o único Orelhão do bairro.

O Asilo é certamente o primeiro núcleo habitacional do bairro Monte Belo. Ele foi fundado em 1942, pelo então governador coronel João Puñaro Bley. E desde então, está sob a orientação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paula. Sua sobrevivência até hoje deve-se exclusivamente à população, pois os governos Estadual e Federal que a subvencionam ou o fazem com uma quantia de 20 mil cruzeiros como o faz o Ministério da Educação e Cultura, ou deixam de fazê-lo desde 1978, como acontece com a administração estadual.

São os particulares — povo em geral, restaurantes, padarias e casas comerciais — quem garantem a continuidade de um trabalho iniciado em plena Segunda Guerra Mundial e que perdura até hoje. Como explica a irmã Noemy dos Santos, superintendente do asilo, muitas vezes quando falta pão, surge alguém com um saco cheio dele. "Ou é a pessoa que advinha ou é Deus quem inspira para nunca faltar pão" — salienta.

OS VELHOS E A VIDA

Os velhinhos que já tiveram seu tempo de vida árdua e briga pelo futuro vivem lembrando o passado. Ficam nas extensas varandas do asilo sentados, pensativos e às vezes sorridentes. E o que é estranho para a ebulição da juventude, não conversam entre si, ficam separados e calados. Parecem já não se preocupar com nada. No asilo eles almoçam às 11, tomam lanche às 14 e jantam às 16:30 horas.

As irmãs, funcionárias e voluntárias — estas muito raras — cuidam de banhá-los, penteá-los e até dar-lhes de comer. Mas nem todos são assim silenciosos. O velho Manoel Magalhães, de 87 anos, 21º filho de uma família de 22, engenheiro de estradas e pontes, é exigente e reclama do médico, do barulho da televisão, das conversas raras dos outros.

Ele diz casmurro: "Eu vim para cá procurando um médico que entendesse de medicina". E desafia uma série de reclamações contra os seus já tradicionais inimigos: o barulho, as conversas, a situação atual do mundo. Mas não pense que o velho Magalhães, o vovô, como a irmã Noemy dos Santos, o trata, está gagá, ele tem uma memória incrível. As vezes alonga um fato em demasia, porém isto é consequência do hábito de desfilarem minúcias.

Ele chegou ao asilo há poucos meses, depois de ter desistido de continuar com os filhos. Mas ainda não se acostumou viver sem movimento. Vive falando em descer o morro e ir à pé ao centro da cidade, coisa que ele ainda faz. Sua adaptação a um meio onde a maioria

dos velhos são provenientes das classes pobres não é das melhores. Ele confessou ao repórter que merece um futuro melhor, pois trabalhou muito para o Estado.

GOVERNOS RUINS

Quando a conversa envereda para outros assuntos que não a sua vida de carioca de Quino, Município de Valência, Rio de Janeiro, onde nasceu, em 31 de julho de 1893, ele desanca as administrações brasileiras por não terem melhorado a situação do povo brasileiro. "Isso é resultado da má administração, o Brasil nunca teve uma administração à altura de sua importância e riqueza".

Sua crítica assume maior relevância, quando percebemos que por trás de seus 87 anos existe uma experiência vastíssima de quem nasceu com a República Velha, viu a Revolução de 32, que quando aconteceu ele estava construindo uma ponte, a Segunda Guerra Mundial, quando serviu no Exército e esteve destacado na Amazônia, o Estado Novo, iniciado em 1937, o fim do governo Getúlio, em 1945, e por último a revolução de 64.

— Vovô, o senhor disse que o Brasil nunca teve uma boa administração, depois de ter visto o que o senhor viu, o senhor acredita em democracia, indagou o repórter.

— Acho que democracia só resolve se for feita por democratas, e não por quem quer sê-lo, respondeu.

ALEGRIA CARA

Muitas surpresas surgiram durante a entrevista com Manoel Magalhães, engenheiro do Estado, promotor de Justiça por duas vezes e fiscal de obras estaduais. Ele só descartou de comentar as aulas que ele deu ao pequeno Eurico Rezende. "Ensinei algumas lições para o Eurico Rezende, mas acho que ele nem se lembra disso".

No fim, quase noite, ele, que é um dos 110 velhos abrigados no asilo, ainda comentava seus feitos. Ele parece solitário como os demais idosos. Seus momentos de lazer são nos fins de semana, quando inúmeras pessoas para lá se dirigem para promover festas, montagens de peças, de shows musicais, quadrilhas. Estes momentos de alegrias nos feriados são dados por estranhos, porquanto suas famílias, com raras exceções aparecem.

Eles mesmos contribuem para terem uma assistência melhor dando suas aposentadorias para o sustento de todos. Porém os salários dos aposentados não são suficientes. Lembra a irmã Noemy dos Santos que a verba é pouca e precisam de muita ajuda da população para manter o mesmo padrão de atendimento.

FALTA ESCOLA

Mas não são apenas os velhos quem precisam de maior atenção. No bairro Monte Belo também as crianças em idade pré-escolar necessitam de uma escola que permita às famílias menos favorecidas vê-las estudando desde cedo. A única escola que existe para os menores de sete anos é a Escolinha Cinderela, que é particular. E a manutenção de uma criança que lá estuda não fica menos de Cr\$ 1.300,00 mensais.

Esta é uma das reivindicações do bairro. As outras são rede de esgoto, coleta lixo mais eficiente, Lazer o pessoal nem fala. Quem tem televisão vê, quem não tem escuta rádio. Os jovens esperam os sábados para se divertir no Centro Comunitário ou no salão do Rio Branco. Ou jogar ou torcer pelo time do Centro Comunitário, que por ironia não tem um campo próprio, mas existe.

Depois desse giro pelos caminhos do bairro Monte Belo certamente o Papa João Paulo II teria visto o Brasil dentro de um único bairro, como existem muitos pelo país afora. Porém, esta situação pode ser uma herança das gerações passadas e das atuais para a juventude. É como sentença o velho Manoel Magalhães: "Nós, nesta época, estamos fazendo muita coisa errada para prejudicar a nova geração".



Asilo: O primeiro imóvel do bairro



Barracos na Hermes Curry Carneiro.